

Entre tons e matizes de memórias: itinerários de docentes no ensino primário em Caxias do Sul/RS (1920-1960)

Between tones and shades of memories: itineraries of teachers in primary schools of Caxias do Sul/RS (1920-1960)

Entre tonos y matices de memorias: itinerarios de docentes en la enseñanza primaria en Caixas do Sul/RS (1920-1960).

TERCIANE ÂNGELA LUCHESE¹

Resumo

O presente texto analisa matizes dos itinerários formativos e das práticas educativas vivenciadas no ensino primário em escolas de Caxias do Sul/RS a partir das memórias de docentes que nasceram nas duas primeiras décadas do século XX. A partir da seleção de entrevistas com cinco professoras, todas elas formadas para atuarem como docentes do ensino primário, o objetivo foi compreender a formação e a atuação, os fazeres e os saberes que, rememorados, permitem entender nuances históricas da escolarização. O conjunto de entrevistas somadas à legislação, jornais, circulares, atas, correspondências e relatórios, compõem o campo empírico que, com a análise documental e o apoio teórico da História Cultural, permitem tematizar as práticas educativas de docentes entre os anos 1920 e 1960, entre formação e atuação.

Palavras-chave: Formação de professores. Práticas educativas. Memórias docentes. História Oral. Ensino primário.

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: taluches@ucs.br

Abstract

This text analyzes shades of education itineraries and practices lived in primary schools of Caxias do Sul/RS from memories of teachers who were born in the first two decades of the twentieth century. Having as a point of departure selection of interviews of five teachers, all of them educated to act as teachers in primary schools, the aim is to understand education and action, knowledge and techniques, which recalled, can allow understanding historic nuances of schooling. The set of seven interviews, laws, newspapers, newsletters, minutes, letters, and reports, composes the empiric field that, with the theoretical support of Cultural History, allows addressing education actions of teachers between the years of 1920 and 1960, between education and action.

Key words: *Teachers' education. Education actions. Teachers' memories. Oral History. Primary School Teaching.*

Resumen

Este texto analiza matices de los itinerarios de formación y de las prácticas educativas vividas en la enseñanza primaria en escuelas de Caxias do Sul/RS a partir de las memorias de docentes que nacieron en las dos primeras décadas del siglo XX. A partir de la selección de entrevistas con cinco maestras, todas formadas para actuar como docentes de enseñanza primaria, el objetivo fue comprender la formación y la actuación, los quehaceres y los saberes que, rememorados, permiten entender matices históricos de la escolarización. El conjunto de entrevistas sumadas a la legislación, periódicos, circulares, actas, correspondencias e informes, componen el campo empírico que, con el análisis de documentos y el apoyo teórico de la Historia Cultural, permiten tematizar las prácticas educativas de docentes entre los años 1920 y 1960, entre formación y actuación.

Palabras clave: *Formación de profesores. Prácticas educativas. Memorias docentes. Historia Oral. Enseñanza primaria.*

Recebido em: março de 2016

Aprovado para publicação em: maio de 2016

[...] pretendemos deixá-los inteiramente capacitados para o exercício da nobre e elevada função que devem desempenhar
RELATÓRIO, 1929, p. 17.

A epígrafe de abertura do presente artigo consta no relatório de atividades de 1929, do então intendente de Caxias, Thomas Beltrão de Queiroz. O referido relatório foi apresentado ao Conselho Municipal e nele, o Intendente, refere-se às ações empreendidas pela municipalidade na formação dos professores, pois a maioria não tinha diplomação. A oferta dos cursos de aperfeiçoamento foi associada, no período, ao aumento salarial. O discurso da necessidade de qualificar o trabalho dos docentes, de profissionalizá-los é recorrente, sendo que a partir dos anos de 1925, começam a ser oferecidos diversos cursos, no período de férias, já que a maioria dos professores era leigo e havia assumido o cargo pela oportunidade surgida. As memórias das práticas escolares de professores leigos, especialmente em escolas isoladas, primárias e rurais, foi objeto de análise em artigos anteriores². O presente texto tem como objetivo analisar, a partir de memórias de docentes com formação na escola complementar, seus itinerários formativos e práticas educativas vivenciadas no ensino primário em escolas de Caxias do Sul. Nuances históricas da escolarização, permitindo compreender a formação e a atuação, os saberes e fazeres das docentes no ensino primário. O texto é resultado parcial do projeto de pesquisa História das Escolas Étnico-comunitárias italianas no Brasil (1875 – 1945) que conta com apoio financeiro do CNPq.

O processo de escolarização em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, tem especificidades, dentre elas a de “num mesmo momento histórico [primeiras décadas do século XX], conviverem escolas primárias instituídas, organizadas e mantidas por diferentes setores da sociedade, da Igreja e, especialmente, do Estado” (LUCHESE, 2015, p. 477). Ou seja, escolas particulares confessionais e laicas, escolas étnicas italianas rurais e urbanas, escolas públicas municipais e estaduais e, ainda, aulas subvencionadas pelo município e pelo Estado. Caxias³, como sabido, foi colônia criada em 1875 e ocupada, predominantemente por imigrantes saídos da península itálica. Caxias⁴ foi elevada à condição de município em 1890 e em 1910 passou a ser cidade.

As características de colonização territorial, marcaram as configurações sociais, culturais, econômicas e educacionais de Caxias. A educação foi concebida como processo partilhado entre as referências aprendidas no contexto familiar, na prática religiosa e na frequência escolar. A família foi tomada como referência para os ensinamentos considerados mais necessários para a vida, por meio do exemplo e da atribuição de responsabilidades para as crianças, que com pouca idade, executavam tarefas domésticas

² Ver LUCHESE e GRAZZIOTIN, 2015; GRAZZIOTIN e LUCHESE, 2014.

³ Sobre a história de Caxias do Sul, consulte-se: ADAMI (1981); MACHADO (2001); GIRON (1977, 1994) e GIRON e NASCIMENTO (2010).

⁴ Entre os anos de 1890 e 1944 o município era denominado Caxias. O acréscimo da posição geográfica “do Sul” foi determinado pelo Decreto nº 720 de 29 de dezembro de 1944, ficando denominada Caxias do Sul.

e/ou rurais cotidianamente. O catecismo e as práticas religiosas compunham parte da educação das crianças, sendo ponto relevante para as famílias. Por fim, a escola, como afirma Luchese (2012, 2014a, 2015) foi palco de tensionamentos e negociações entre as iniciativas e modalidades de organização escolar, mas a instituição pública foi a mais desejada e requisitada.

No que se refere à formação de professores, com raras exceções dos que imigraram com formação para a docência da Itália para o Brasil, a imensa maioria dos que se tornaram professores em Caxias e região eram leigos. Os que sabiam um pouco mais, assumiam o exercício da docência (LUCHESE e GRAZZIOTIN, 2015). Em 1929, a criação da Escola Complementar pública em Caxias foi um marco na história da formação de professores⁵.

Considerando essa contextualização e o objetivo deste artigo, na construção do corpus empírico foram selecionadas sete entrevistas realizadas com cinco docentes. As mesmas pertencem a dois acervos de memória: seis entrevistas compõem o Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami e uma delas o acervo do Instituto de Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul. Os critérios para seleção dessas narrativas docentes foram: sexo feminino, formação para atuarem como docentes (escola Complementar), nascidas nas duas primeiras décadas do século XX, tendo vivido infância e exercício profissional em Caxias. A seguir, no quadro 1, observa-se dados biográficos das professoras selecionadas para a análise:

Quadro 1 – Breves referências biográficas das entrevistadas

Nome da Entrevistada	Local e data de nascimento	Filiação	Período como docente	Data e nome do entrevistador
Adelaide Correia Rosa	Caxias, 06/01/1903	Olympio Rosa e Miloca Rosa	1936 a 1967	1984, Liane Beatriz Moretto Ribeiro 1985, Edma Ribeiro Pacheco e Tânia Maria Zardo Tonet
Ester Troian Benvenuti	Distrito de Ana Rech, Caxias do Sul, 16/05/1916	Francisco Troian e Angelina Corso Troian	1929 a 1960	1983, Juventino Dal Bó e Liliana Alberti Henrichs
Laura Balconi Chiaradia	Caxias do Sul, 05/04/1925	João Balconi e Giulia Del Angelo (italiana)	1945 a 1974	2012, Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto
Sônia Guimarães Rossato	Caxias do Sul, 18/09/1915	Inácio de Alencastro Guimarães e Guilhermina Fontoura Guimarães	1936 a 1962	1991, Gilmar Marcílio
Suely Bascu	Caxias do Sul, 27/11/1914	Simalia Bascu (filha de italianos)	1929 a 1969	1991, Gilmar Marcílio 1996, Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto

Fonte: Entrevistas do Banco de Memórias do Arquivo Histórico João Spadari Adami e do IMHC/UCS.

⁵ Sobre a história da Escola Complementar Duque de Caxias veja-se BERGOZZA (2010).

Professoras formadas pela Escola Complementar que viveram sua infância e toda a vida profissional em Caxias, que entre o lembrado e o esquecido, o vivido e o concebido, o guardado e o documentado, foram tecendo narrativas orais, que transcritas e arquivadas em bancos de memória, hoje constituem documentos significativos para o historiador da educação. A partir da seleção de entrevistas de cinco professoras cruzadas com outros documentos tais como legislação, jornais, circulares, atas, correspondências e relatórios, compuseram o campo empírico, trabalhado a partir da análise documental histórica. Tomando como apoio teórico a História Cultural, as práticas educativas de docentes, entre os anos 1920 e 1960, entre formação e atuação foram tematizadas.

O artigo está organizado em dois momentos. No primeiro são analisadas as memórias de formação e no segundo, indícios dos itinerários de atuação, fazeres e saberes mobilizados na prática educativa. Para tal movimento analítico, foi importante considerar, como inspira Chartier (2009) que

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara, conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. (CHARTIER, 2009, p. 49).

Assim, a narrativa foi tecida pensando-se memórias de docentes entrecruzadas com outros documentos que, analisados e interpretados, compõem uma história verossímil acerca da formação e práticas de professoras complementaristas no ensino primário, em Caxias do Sul.

Itinerários de formação... *“quando nós fomos ao curso complementar, foi um acontecimento na cidade”*

A formação de docentes em Caxias iniciou em 1929 com o decreto de criação da Escola Complementar Duque de Caxias. Suely Bascu foi da primeira turma e recordou que a frequência ao Curso Complementar era um acontecimento na cidade, já que poucas professoras tinham tido, até então, oportunidade de formação. A maioria eram professoras leigas ou, quando tinham formação para a docência eram provenientes de outras localidades. Desse modo, adentrar no curso complementar para “formar-se professora” revestia-se de distinção, de prestígio social. As complementaristas, como eram denominadas, tinham destaque na sociedade local, ou como afirmou a professora Suely “quando nós fomos ao curso complementar, foi um acontecimento na cidade”. (BASCU, 1991).

A Escola Complementar de Caxias foi o primeiro espaço educacional voltado para a formação de professores na região. Permaneceu entre os anos de 1930 e 1943 com essa denominação. Posteriormente, até 1975, como Escola Normal Duque de Caxias, conforme estudo de Bergozza (2010). As escolas Complementares foram instituídas por Borges de Medeiros pelo Decreto nº 3.898 de 4 de outubro de 1927. Em 1929, aos 13 de março, pelo Decreto nº 4.277, Getúlio Vargas, como presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, regulamentou o ensino complementar, instituindo escolas para a formação de professores primários nos municípios de Santa Maria, Passo Fundo, Pelotas, Alegrete, Cachoeira e Caxias do Sul. Para Louro (1986, p. 60) as principais metas de Vargas foram “vias de comunicação e educação para o povo. Assim, com Osvaldo Aranha, como Secretário do Interior, pôs em execução um plano, anteriormente elaborado, no sentido de melhor atendimento do interior quanto a professores formados, pela criação das escolas complementares”. A obtenção da instalação da Complementar em Caxias foi intermediada pelo Conselho Municipal e pelo Intendente. Em 1928, em seu relatório, Beltrão de Queiroz afirmava que

O patriótico Governo do Estado empenhado como está em disseminar a instrução pública, o mais possível, dando um golpe de morte no analfabetismo [...] cogita de fundar Escolas Complementares em diversos Municípios do Estado. Caxias, embora não conste dessas cogitações, Srs Conselheiros, é uma localidade, que não pode deixar de pugnar por um melhoramento dessa ordem, não só pela sua importância como município produtor comercial e industrial, como também e principalmente porque, neste particular, está muito mal aquinhado, pois não temos um estabelecimento de instrução secundária, que mereça bem este título [...] Entendo que poderíamos tomar a dianteira oferecendo ao Estado o terreno para nele ser levantado um edifício, destinado a uma boa Escola Complementar [...] Deixo, pois, mais esta sugestão, à vossa esclarecida inteligência, tino prático e sadio patriotismo. (RELATÓRIO, 1928, p. 14).

E a demanda foi acolhida, as tratativas⁶ foram feitas junto ao governo da Província e em 1930, a Escola Complementar foi inaugurada situando-se, provisoriamente, junto ao prédio do Centro Republicano Julio de Castilhos. Em março de 1931, em virtude da elevação do número de matrículas, a escola passou a ocupar dois prédios na rua Pinheiro Machado. Como informa Bergozza, os primeiros professores da escola foram empossados pelo inspetor escolar Alfredo Aveline, em junho de 1930 sendo eles “Demétrio Niederauer, Cristina Queiroz, Adyr Lima Ribeiro, Dario Granja Sant’Anna e Dina Luz Paranhos. No dia 26 de junho de 1930, apresentou-se para cadeira de música a professora Edith Balthar” (BERGOZZA, 2010, p. 84).

⁶ “[...] vimos coroados de êxito os nossos esforços conseguindo a promessa formal de criação da referida Escola Complementar” (RELATÓRIO, 1929, p. 18).

Todas as docentes entrevistadas cursaram, em diferentes momentos, a Escola Complementar, profissionalizando-se para o cargo de professoras primárias. Da primeira turma de complementaristas concluintes em 1932, a professora Suely Bascu destacou a importância e o reconhecimento social obtido pela condição de serem complementaristas. E rememorou que a “formatura bonita, missa de manhã na Catedral, à noite entrega de diplomas no Clube Juventude. As meninas todas de traje de gala. Longo, viu? Gala mesmo. E isso [...] foi em 1933” (BASCU, 1991). Os tempos de formação foram diversos. Sônia Guimarães Marcílio foi da turma concluinte em 1933, formando-se em 1934. A professora Adelaide Correa Rosa, da turma de 1935, formou-se em 1936. Ester Troian Benvenuti foi da turma que se formou em 1941 e Laura Balconi Chiaradia, provavelmente, em 1943.

Para pensar os itinerários de formação dessas docentes é importante retroceder e atentar para as memórias narradas acerca de seu processo de escolarização. Transcorria o ano de 1911 quando Adelaide Rosa iniciou sua vida escolar na aula de Joaquina Neves. Ela lembra que antes mesmo de ir para a escola “minha mãe e minha avó me alfabetizaram. Eu não tinha frequentado a escola” (ROSA, 1984). A primeira escola foi uma aula isolada, estadual e que “tinha todos os graus de adiantamento [...] Na casa onde morava [a professora], tinha a sala de aula. Todas as isoladas eram assim. Na casa em que a professora morasse, tinha uma sala maior e ali davam aula. Meu 1º livro com ela foi o manuscrito” (ROSA, 1984). Recordou que cerca de 30 alunos frequentavam aquela aula mista, com diferentes adiantamentos. Nessa escola, Adelaide lembra de algumas práticas e afirma ter aprendido “leitura, as quatro operações, ditado, português. Ela era boa professora” (ROSA, 1984).

Em 1914, foi transferida para o Colégio São José, já que a escola isolada que ela frequentava foi fechada, pois a professora passou a fazer parte do corpo docente do Colégio Elementar José Bonifácio, criado em 1912. Nas recordações de Adelaide, o Colégio São José “era diferente. As irmãs já eram mais atualizadas” (ROSA, 1984) por que as atividades oferecidas eram bem diversificadas, assim como os livros. Em 1915, novamente, foi para outra escola particular, dessa vez o Colégio Saldanha. Adelaide Rosa narrou que a troca foi justificada, pois a professora “Antonieta Saldanha [...] era muito instruída. Ali sim, até fazer verso ela ensinava. Ela era poetisa. O ensino dela era muito adiantado. Depois ela era uma pessoa muito ilustrada. Fiquei três anos na escola dela” (ROSA, 1984). Entre os anos de 1918 e 1932 ela interrompeu os estudos, pois não havia como dar continuidade, Caxias “não tinha escola. Em 1932 eu fui para o Complementar” (ROSA, 1984). Conforme lembrou, o Complementar funcionava em dois turnos. Pela manhã as aulas iniciavam às 8 horas e estendiam-se até as 12h. No período da tarde, das 14 às 17 horas. Rememorando sua experiência escolar na escola complementar, no investimento de estudos que precisou fazer para retomá-los, a professora Adelaide afirmou:

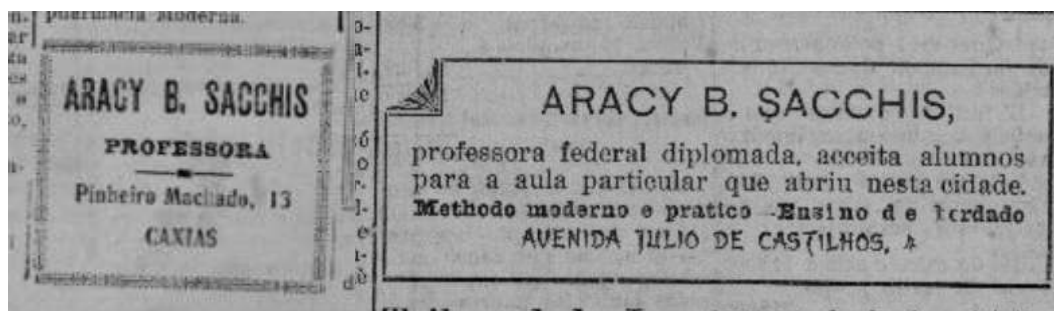
A escola complementar foi muito bem organizada. A Dona Maria Amorin era a diretora e ela tinha muita visão nessas coisas. Então tinha a caixa escolar. Meu pai ensinava fazer a escrita. Quando eu quis entrar para o Complementar, que passei esses anos todos sem

estudar, o diploma do Elementar servia para entrar no Complementar. Não precisava exame de admissão. Então estava meio fraca porque passei todo esse tempo sem estudar, estava periclitando, não sabia o que ia fazer. Então fiquei seis meses no Elementar. Fui aluna então da Dona Antonieta Veronese. (ROSA, 1984).

O ingresso em 1933 na Escola Complementar foi precedido de seis meses na Elementar como aluna, a fim de retomar conhecimentos fundamentais, afinal, Adelaide ficara afastada quase catorze anos da sala de aula. Nesse tempo de interrupção dos estudos, dedicou-se à pintura, desenho e bordado. Filha de influente comerciante de Caxias e de reconhecida pianista, Adelaide vivenciou sua infância na área urbana. Contou que “nós brincávamos muito no pátio [...] tinha um pátio muito bom, cheio de árvores [...] brincávamos de boneca, de roda, de tudo quanto era coisa [...] fazia armazém, fazia as comidinhas [...]” (ROSA, 1984).

Outra professora entrevistada foi Suely Bascu que iniciou a vida escolar em 1922, aos sete anos de idade. A primeira professora foi Aracy Rodrigues Barreto Sacchis⁷ que lecionava em escola particular, na área central de Caxias, conforme anunciado no Jornal O Brasil, em janeiro e fevereiro de 1921, respectivamente:

Figura 1 – Anúncio da Aula particular de Aracy Barreto Sacchis, 1921



Fonte: O BRASIL, 21/01/1921, p. 03 e 05/02/1921, p. 02, respectivamente.

Os anúncios se repetem em edições posteriores. Em 12, 19 e 26 de março, mas também em 09 e 12 de abril, constam na capa do mesmo jornal. Incluem-se nas edições posteriores que a Professora Aracy lecionava francês e em 02 de abril de 1921 é noticiado que abriera, no dia anterior, aula de escrituração mercantil. Ainda em 1921, a aula passa a ser denominada Aula Particular Penna de Moraes⁸. Os anúncios são mantidos nos anos seguintes e em 1923, conforme pode ser visto na figura 2, no anúncio de capa, consta que os pagamentos eram mensais e que mesmo os que não frequentassem, se não cancelassem a matrícula, estavam obrigados ao pagamento:

⁷ Conforme divulgado em nota no Jornal Aracy Rodrigues Barreto era natural de Santa Maria, filha do professor Cícero Jacyntho Barreto. Casou-se com Napoleão Barcellos Sacchis em dezembro de 1920. O esposo escrevia para jornal, foi secretário municipal e também Inspetor das escolas municipais de Caxias. (JORNAL O BRASIL, 11/12/1920, p. 03).

⁸ José Penna de Moraes era natural de Santa Maria. Foi jornalista, inspetor do ensino, intendente em Caxias (1912 a 1924) e funcionário público estadual. Faleceu em 1937.

Figura 2 – Anúncio da Aula particular Penna de Moraes

BRASIL
ORGAM REPUBLICANO

Publica-se nos sábados
Redacção:
RUA JULIO DE CASTILHOS

Proprietario — AMÉRICO MENDES

Collaboradores : DIVERSOS

10 Rio Grande do Sul, Caxias, 10 de Fevereiro de 1923

NUMERO 6

Aula particular „PENNA DE MORAES“

Pinheiro Machado, 13

Para conhecimento dos interessados, faço publico que se acha aberta a matricula desta aula, a reabrir-se no dia 1º de março p. f.

NOTA — Os pagamentos serão feitos mensal e adiantadamente.

Todo o collegial que se inscrever, ficará sujeito, embora não frequente a aula, ao pagamento da mensalidade respectiva, até o dia em que pedir o trancamento da sua matricula.

A PROFESSORA
Aracy Barreto Sacchis

Fonte: O BRASIL, 10/02/1923, p. 01.

Suely narrou sobre suas lembranças da primeira experiência escolar descrevendo-as como ruins já que a professora Aracy, que tinha cursado o Complementar em Santa Maria, assumia postura intransigente, pouco afetiva e, mesmo que os anúncios jornalísticos apontassem para uma professora adepta da pedagogia moderna, as práticas eram de aplicação de castigos e com ensino baseado na memorização. Nas palavras de Suely:

Estudei numa escola particular [...] uma casa de madeira [...]. Era uma escola particular, era uma escola particular, particular com um regime rígido. Uma disciplina imposta, uma disciplina terrível. E, eu fui alfabetizada por uma professora que tinha vindo de Santa Maria, onde ela tinha feito a complementar. [...] boa professora, mas péssima educadora, por que ela era tremendamente, tremendamente... Como é que eu vou dizer agora? Ela era, não diria má, mas ela era muito rígida com os alunos, usava castigos. Eu sou do tempo que ela usava vara, palmatória, ah, bolos com escova de roupa, milho, orelha de burro, e nos levava para a porta da rua. Por exemplo, quando nós fazíamos qualquer coisa, era só uma coisinha qualquer, que ela nos castigava [...]. Nós éramos obrigados a nos instruir [...]. Fui alfabetizada por dona Aracy Barreto Sacchis, esposa, como já disse, do senhor Napoleão Sacchis, secretário do município [...].

Disciplina rígida, castigos físicos, repetição e imposição da autoridade do professor como o detentor do saber, respeitado por alunos e pais. Assim, a professora Aracy é descrita pelas memórias da aluna Suely. Em uma situação particular vivida por Suely essa condição fica evidente. Conta ela que

Então nós tínhamos uma bela lousa [...]. É uma pedra aonde se escrevia com o lápis de pedra também e, depois apagava-se, não é? Usava-se sempre a mesma lousa[...]. Bem a professora me passou na tal de lousa, me passou uma enorme conta [...]. E... ela pegou a minha lousa e estava errado. Eu não tinha acertado a tal conta. Mas ela em vez de observar e tal e de me dizer: “Fulana, está errado, aqui está errada”. Não, ela não me disse, ela simplesmente pegou o apagador e pra cá e pra lá, e tirou todo o meu trabalho de fazer a tal conta, tirou todo o trabalho. [...] minha mãe me levava, vinha me buscar todos os dias ao meio-dia. Quando a mamãe chegou neste dia, a professora disse: A menina não vai com a senhora, porque enquanto ela não acertar essa conta, ela não vai sair daqui. E eu, então, faz de novo, faz de novo, faz de novo, mas não deu [...]. Uma e meia, a mamãe ficou apavorada. Uma criança, não tinha comido, não tinha nada até aquela hora e ela disse: “Dona Aracy, castiga de outro jeito a minha filha”. “Sim senhora, então nós vamos castigar. Vai ser o seguinte: amanhã é 13 de maio e a sua filha vai... não haverá aula aqui, mas a sua filha virá para terminar a conta que hoje ela não fez. Mas a senhora se compromete de amanhã trazer a menina aqui.” E a Mamãe era muito caxias né, disse: É lógico que eu vou trazer a menina aqui. Lógico que vou, mas então, amanhã de manhã”. (BASCU, 1996).

Na narrativa, Suely conta que na manhã seguinte ao ocorrido levantou ‘faceira’, mas não queria ir para a escola. Perguntada pela mãe sobre o porquê de não querê-lo, lembrou que se justificou dizendo:

Porque ontem a professora disse que é dia em que foram libertados os escravos. Veja se eu, agora, vou ser escrava da minha professora! [...] fui para escola, fui prá lá. Mas revoltada, falando, falando, falando e quando eu cheguei na frente da escola, vocês não podem imaginar o espetáculo que a Suely deu! [...] Gritou, chorou, não queria entrar na escola e dizia: “Os escravos foram libertos e eu virei escrava”. [...] A Mamãe me empurrando para dentro da escola e eu não querendo entrar. [...] Bom, enfim eu tive que entrar e fazer a minha continha né, depois eu fui para casa [...]. De tarde ela [a professora] foi lá em casa, pediu desculpas para a Mamãe, mas que ela não podia perder a autoridade dela [...]. Vocês sabem o que eu fiz? Fui pra baixo da cama! (BASCU, 1996).

Suely recordou que o dito foi levado a cabo e a professora Aracy não deixava passar nada. Exigia disciplina e ensinava com elevado nível de exigência, o que muitos pais apoiavam e concordavam. Por isso, era considerada uma ‘escola selecionada’. Mas que “quando se fazia qualquer coisa, uma conversinha, ela botava milhinhos no chão na porta da rua e mandava a gente ajoelhar em cima do milho. E as orelhas de burro também. Porque todos os que passavam pela rua haviam de ver o que nós estávamos fazendo ali” (BASCU, 1996). Na narrativa é possível pensar em como a escola firma comportamentos, reforça-os a partir de rituais situados no espaço-tempo, “fala do mundo às crianças; de um mundo para o qual são necessários alguns sutis ensinamentos: o aprendizado do silêncio, da modéstia, da aceitação do existente como necessário, da obediência como condição da vida cotidiana” (BOTO, 2011, p. 68). Suely permaneceu apenas um ano estudando na aula da Professora Aracy e seguiu os estudos, a partir de 1923, no colégio Elementar José Bonifácio. Ali, conta que “eu tive uma professora diferente, dona Antonieta Agostinelli Veronese [...] era um poço de bondade, de gentileza. Era uma criatura maravilhosa [...]. E dona Antonieta Veronese era formada pela Escola Complementar de Porto Alegre” (BASCU, 1996).

Suely Bascu frequentou o Colégio Elementar José Bonifácio entre os anos de 1923 e 1927⁹. Entre os anos de 1927 e 1929, frequentou curso de datilografia e trabalhou algum tempo num escritório de advocacia. Com a abertura da Escola Complementar Duque de Caxias, em 1929, ingressou na primeira turma (1930). Concluiu, colando grau em 1933. Narra que logo que ingressou na Complementar foi chamada para dar aula. Mas “eu era muito menina, não me deixaram ir para o interior” (BASCU, 1996), assim a Mãe, Simalia, cedeu uma sala na própria casa onde Suely, aos 16 anos começou a lecionar. “Passei a ganhar oitenta mil réis! Oitenta mil réis era o meu ordenado. [...] Então, de manhã eu estudava e de tarde eu tinha um grupo de alunos. Bem depois, depois disso, em 1934... em 1934, a 10 de junho, eu fui, eu fui nomeada professora primária a serviço do Estado”. (BASCU, 1996). Com relação a essa primeira experiência como docente afirma que “Ah, eu alfabetizei, eu tinha o segundo ano, mas mais eram crianças para serem alfabetizadas. Eu usei o *Queres Ler*¹⁰ [...] escrito por Olga Acauan e Branca Diva” (BASCU, 1991). Relatando sobre o trabalho do professor nas escolas isoladas, Suely afirmou que

[...] ela fazia todo o trabalho. Fazia o trabalho de secretaria, fazia o trabalho de organização de turmas e atendia. O ensino era em diferentes graus. Por exemplo: recebias uma escola com 50 alunos, desses 50 alunos 10 eram crianças a serem alfabetizadas; duas eram crianças de segundo ano, três eram de quarto ano e assim sucessivamente. Folhas de pagamento, livros escolares, livro de chamada, livro de matrícula, diário de classe, tudo era organizado pelo professor. (BASCU, 1991).

⁹ Em dezembro de 1926, Suely Bascu foi aprovada com distinção na I secção da IIIª Classe do Colégio Elementar José Bonifácio. Era aluna de Heróides Porto. Conforme noticiado no Jornal O Regional, órgão dos interesses da Região Colonial Italiana, em 22/01/1927, p. 03.

¹⁰ Sobre a cartilha *Queres Ler*, ver em PERES e RAMIL (2015) e TRINDADE (2004).

Destaca-se essa posição de estar em formação na Complementar e já estar no exercício da docência em escolas. Mas o caso de Suely não foi extraordinário. Ester Troian Benvenuti, por exemplo, primeiro tornou-se, por oportunidade surgida, professora e muitos anos depois é que pode frequentar o Complementar. A professora Ester nasceu no interior de Ana Rech, filha de agricultores, descendentes de imigrantes provenientes da península itálica. Sua primeira experiência escolar foi com a professora Ercília Petry, depois, frequentou o Colégio Elementar José Bonifácio até o quinto ano. Com a ausência de professores na comunidade em que ela nascera, a Avó a encaminhou para que assumisse a docência. Ester contava com 13 anos em 1929. Rememorou o episódio afirmando que:

[...] minha avó, olhando para mim, disse: Hoje nós vamos até a Intendência e tu vais junto, para alfabetizar aqueles coloninhos lá. E assim foi. Me enviou uma meia de seda cor-de-rosa, daquelas bem grossas que se usava na época. Levantou o meu cabelo, deu-me uma sombrinha com franjas de seda e me recomendou: responde apenas o que te perguntarem, o resto deixa por minha conta. Recebeu-nos o então Intendente Municipal Thomas Beltrão de Queiróz. Ele olhou para mim e, meio desconfiado, me perguntou: Tu sabes ler? Sei. Tu sabes redigir uma carta? Sei. Tu sabes resolver os quatro problemas de aritmética? Sei. Mas tem que ser de aritmética.... Sei. Mas tem que ser o de Souza Lobo. É isso mesmo, aritmética do Souza Lobo. Certo, respondi e também sei toda a Seleta em Prosa e Verso. Estudei no Colégio Elementar. Perguntou à minha avó: esta menina tem idade suficiente para assumir essa responsabilidade? E a minha avó depressa respondeu: sim, tem sim, tem, tem, tem. Apenas eu tinha 13 anos naquela época. (BENVENUTTI, 1983).

E, desse modo, Ester iniciou suas atividades como docente, contando que “era inspetor escolar na época o senhor Ceroni, que me aconselhou reunir os pais para arrumar os bancos, o quadro negro e que me virasse com a escola. E, assim, iniciei então, a lecionar numa das salas da casa em que nasci [...]. Trabalhei lá por 12 longos anos” (BENVENUTTI, 1989). Conciliou a atividade docente com o período de estudos na Complementar, formando-se em 1941.

As reminiscências de Sônia Guimarães Rossato sobre a experiência escolar justificam sua escolha pela docência. Segundo ela, quando foi para o Colégio São José, uma escola confessional, aos seis anos, já sabia ler e escrever. Ela estava entusiasmada e o pai teria lhe dito: “Tu vais ter uma cadeira de professora.” (ROSSATO, 1991) e aquela frase repercutiu. Pouco tempo depois o pai de Sônia faleceu e ela prometeu que seguiria, satisfazendo o desejo do pai e agora o seu próprio: “eu queria a cadeira para mim” (ROSSATO, 1991). Assim, frequentou a Complementar entre os anos de 1930 e 1933.

A professora Laura Baconi Chiaradia, filha de imigrantes italianos, ao lembrar seus tempos de escola, narrou que enfrentou dificuldades, pois foi alfabetizada em italiano, falava e tinha sotaque, sentiu-se estigmatizada em suas primeiras experiências na escola. Em suas palavras,

[...] quando entrei na aula, passei os maiores trabalhos pelo seguinte: a minha mãe me ensinou a ler em casa, em livros de língua italiana. Olha, eu entrei na escola pronunciando tudo errado, diferente, e eu tinha vergonha de abrir a boca, né? Então, eu... não me botaram na primeira, no primeiro ano como diziam, me botaram logo no segundo, porque eu sabia ler. E como diziam, saber ler e as quatro operações, era o essencial na época, e a minha mãe me ensinou em casa. E ali entrei no segundo ano já [...]. (CHIARADIA, 2012).

Afirmou que apesar de contratempos pelo contato entre línguas, pela experiência bilíngue e pelo forte sotaque, a vivência de situações de ensino-aprendizagem no ambiente doméstico lhe propiciou o gosto pelo estudo e que em diversos momentos se destacou “ah, eu estudava muito” afirmou ela (CHIARADIA, 2012). Frequentou grupo escolar e recebeu distinção nos processos avaliativos, mas narra que a dificuldade que sentia, por exemplo na fala e na leitura, marcou suas memórias escolares. Narrou que em 1936 o grupo escolar foi inspecionado por Ilair Alves, inspetor de ensino. Naquela ocasião “houve, lá um concurso de melhor aluno, e eu ganhei o concurso [risos], mas eu não falava, eu tinha vergonha de falar. Aqui ó... Eu tinha vergonha porque dava aquela pronúncia, né? Por exemplo, no italiano ch é qui, onde eu via um ch eu lia qui, então, “ah, olha, ela errou, ela errou!” (CHIARADIA, 2012).

Marcantes, para Laura, também foram os momentos cívicos. Conta que uma vez por semana cantavam o hino e a diretora do Grupo Escolar Júlio de Castilhos, Ida Marcucci Zanelatto fazia com que os alunos cantassem uma introdução ao Hino Nacional que Laura Chiaradia lembrou e cantou para as entrevistadoras:

Espera o Brasil que todos cumprais o vosso dever, ei avante, brasileiros, sempre avante, gravai no buril os pátrios anais do vosso poder, ei avante, brasileiros, sempre avante, servir o Brasil sem esmorecer, com ânimo audaz, cumprindo o dever da guerra e da paz, à sombra da lei, à brisa gentil, o lábaro erguei do belo Brasil, eia sus oh, sus, e aí começava.... Ouviram... [...] E depois entrava o Hino Nacional. (CHIARADIA, 2012).

Decorridas décadas entre a vivência escolar e o tempo da entrevista e Laura cantou o trecho que antecedia o do Hino Nacional. Marcas das comemorações cívicas que não foram recordadas por outras entrevistadas, mas pelo período em que Laura frequentou a escola, já se faziam mais presentes e deixaram lembranças.

No que se refere à escolha pela docência, as justificativas de cada uma das professoras conduz por especificidades de suas vidas que merecem ser explicitadas: Ester foi apresentada ao ofício pela Avó que lhe arranhou a vaga de professora junto ao Intendente, Suely iniciou concomitante ao Complementar o exercício da docência na sala de sua casa e quando perguntada sobre o motivo da escolha por ser professora, já que suas primeiras experiências escolares tinham sido marcadas por castigos, por uma professora tão exigente e disciplinadora como Aracy Sacchis, Suely justificou dizendo que

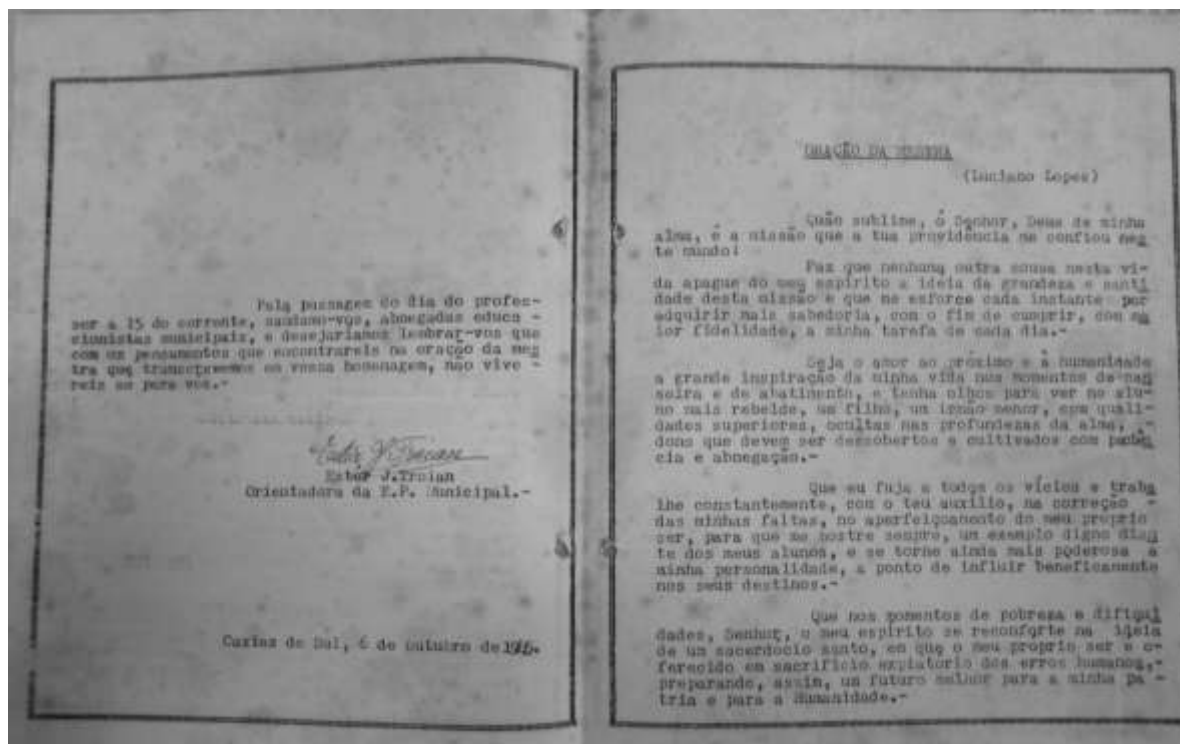
Me senti atraída pelo magistério em primeiro lugar: por gostar muito das crianças. Em segundo lugar, porque eu achava uma profissão maravilhosa, uma coisa linda, lidar com criança! [...] E aclarar, aclarar intelectos eu acho uma coisa maravilhosa e preparar. Já naquele tempo, eu tinha um, um eu tinha uma tendência para ajudar as crianças, mas não era só isto. [...] eu vejo o magistério como, como o ideal. Eu não vejo o magistério só como profissão, eu vejo o magistério como idealismo, como ter um elemento humano na mão, aonde tu podes, tu podes pelo teu exemplo, pela tua vida, pelos teus conhecimentos, tu podes fazer da criança ou um santo, ou um demônio, né? (BASCU, 1996).

A visão que Suely assume para justificar a escolha pela docência é referendado também por outras narrativas de docentes, caso de Ester, de Laura e também de Adelaide. “Professor [como] o que professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade” como afirma Kreutz (1986, p. 13). É Suely que afirma ainda que entende a docência

Não como profissão, mas como idealismo. Porque se for como ideal, se tem um ideal a iluminar a nossa vida, nós temos possibilidades, não de transformar, não de transformar totalmente, por que nós recebemos uma criança, recebemos em mãos uma criança composta de alma e corpo. E nós podemos trabalhar este, esta pedra bruta, nós temos que trabalhar para que ela seja alguma coisa dentro da vida. Todos nós temos algo a fazer neste mundo. E o professor mais do que os outros, por que o professor entra no coração da criança. Podemos esquecer tudo, mas jamais vamos esquecer o nosso primeiro professor [...]. Podemos lapidá-los, podemos ajuda-los, mas aquilo que eles trazem de herança, nós não podemos tirar totalmente, não é? [...] quando nós temos essa pedra bruta na nossa mão, se nós tivermos a capacidade de motivá-los, se nós tivermos a possibilidade de transformar aquela massa bruta, então se, o professor é inteligente, ele vai, ele vai apresentar uma boa motivação, vais encaminhá-lo para um bom caminho [...]. (BASCU, 1996).

O ideal salvacionista do exercício docente¹¹, internalizado e propagado pelas memórias de formação e também das práticas, vão representando os desejos, os sentidos construídos e partilhados sobre o professor, suas funções e responsabilidades. Sacrifício, abnegação, missão, vocação, modelo, exemplo são alguns dos atributos do bom professor. Ester Troian Benvenuto, ao felicitar os colegas pela passagem do dia do professor, em 1945, envia um cartão ilustrativo da circulação dessa representação. Atente-se para a figura 3:

Figura 3 – Cartão do dia do professor, 1945



Fonte: CORRESPONDÊNCIA escolar, 1931 - 1959, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

Na ‘Oração da Mestra’, como já mencionado, a docência é representada como missão, santificada e grandiosa, que exige esforço, fidelidade, paciência, abnegação, exemplo de correção e de ‘sacerdócio santo’, pois propiciaria um “futuro melhor para a minha Pátria e para a Humanidade”. A circulação dessas representações é frequente nos discursos educacionais, inclusive por parte de autoridades locais e de pais que compreendem e valoram, simbolicamente, a professora. Nesse sentido é preciso “ter clareza de que os sujeitos encarnaram representações que se produzem nas situações concretas do *fazer ordinário* da escola” (VIDAL, 2005, p. 62) e, assim, outras produções se apresentam, na medida em que se pensa as práticas e os fazeres docentes. A escolha pela docência se fez por motivos diversos, que não podem ser simplificados. Pelo ideal da maternagem-vocação, pela representação das mulheres como educadoras por ‘natureza’, como única possibilidade de trabalho fora do doméstico, pela oportunidade surgida e/ou incentivos familiares. Aquelas que tiveram oportunidade de formação, no caso, a escola complementar, distinguiram-se e em sua maioria, atingiram postos de reconhecimento na gestão escolar.

¹¹ Ver Nóvoa (1991, 1995), Julia Varela e Alvarez-Uria (1992) e Lopes (1991).

Itinerários de profissão... “mostrar o que se fazia dentro da escola e os pais gostavam e cooperavam”

Dentre as lembranças narradas pelas professoras, uma das recorrentes foi o apoio recebido das famílias, da comunidade escolar e o desejo que as mesmas tinham por acompanhar, e fazer parte do que acontecia na escola. Para a professora Adelaide, a apresentação dos trabalhos em exposições ou encenações, eram momentos muito valorizados pela comunidade. E afirma que “eu sempre tinha aquele espírito de mostrar o que se fazia dentro da escola e os pais gostavam e cooperavam”. (ROSA, 1984). Índícios dos itinerários de atuação profissional das docentes, sinalizam que a formação na escola complementar lhes propiciou um prestígio, uma distinção – foram nomeadas como professoras em escolas urbanas ou, mesmo, ascensão para cargos de gestão escolar.

A professora Sônia Guimarães Rossato foi alfabetizadora. Nomeada para atuar no colégio elementar, por opção, permaneceu atuando entre os anos de 1936 a 1962, ininterruptamente, como professora alfabetizadora. Narrando sobre o motivo para a escolha, justificou que “a criança chega ali, não sabe fazer nada, a professora tinha que botar o lápis na mão, ensinar como é que se pega um lápis” (ROSSATO, 1991) e isso deixava-a fascinada. Com o tempo, novas metodologias surgiam e ela se sentia desafiada a novas propostas de trabalho. Afirmou que ela e as colegas passavam “as férias estudando métodos, para chegar na aula e já estar, no início do ano, nós já estávamos preparados para o que vinha”. (ROSSATO, 1991). De início, recordou que as crianças “usavam uniforme, um guarda-pó branco com o nome bordado” e que na prática pedagógica utilizavam a cartilha. Afirmou a professora Sônia “nós tínhamos a Cartilha, mas trocamos diversas vezes. Eu comecei com o livro “Queres Ler”. Então tinha o ovo, a uva e naquele livro a gente ia seguindo. [...] entregávamos os livros em maio, no Dia das Mães [...] quando chegava junho, julho, 80% já estavam alfabetizados” (ROSSATO, 1991). Para a avaliação, rememorou que “tinha ditado nas provas, um ditadozinho, umas continhas para avaliar a aritmética [...] tinha o Teste ABC” (ROSSATO, 1991). Desenvolviam trabalhos manuais, dobraduras, recortes e atividades diversificadas para o trabalho de alfabetização. As aulas eram de segunda à sábado, sendo que aos sábados a duração era de duas horas, enquanto nos demais dias eram quatro horas. Analisando o trabalho de professoras primárias gaúchas, Peres (2000) conclui que

As professoras construía seu saber-fazer pedagógico tendo como referenciais um universo complexo de influências: dos saberes da formação escolar, dos modelos de docência, ou seja, das experiências vividas enquanto alunas, das trocas entre colegas de profissão, dos contatos com os materiais impressos de orientação pedagógica – com destaque para os livros didáticos e a Revista do Ensino. Sobressai, porém, o uso dos livros didáticos como o instrumentalizador da prática docente e os modelos escolares, aos quais as professoras forma submetidas como alunas, como os principais referenciais a partir dos quais construía seu fazer pedagógico (PERES, 2000, p. 188 – 189).

No que se refere ao espaço, a professora Sônia lembrou que “tinha estrado na sala de aula, num cantinho tinha um estrado, que era da professora. Mas eu nunca tinha tempo de me sentar [...] tinha um birô da professora, um quadro verde com o apagador, e ali a professora era soberana [...] o professor era lá no céu!” (ROSSATO, 1991). Nas memórias de Sônia, o professor era estimado e, de modo geral, muito bem quisto por alunos e pais. Na sala de aula afirma que “exigia uma certa disciplina, mas nunca castiguei” (ROSSATO, 1991) e permaneceu como professora, diferentemente das demais entrevistadas, pois mesmo tendo feito formação complementar e tido oportunidade para ascender a cargos, gostava, como afirmou, de alfabetizar.

A professora Adelaide Rosa afirma que também foi nomeada, em 1936, no mesmo ano e escola que Sônia Guimarães Rossato. Mas Adelaide recordou que no “Elementar trabalhei pouco com o primário, porque faltava professora de desenho e, eu tinha muita queda para desenho, então trabalhei uma temporada bem grande como professora de desenho” (ROSA, 1984). Em 1939 ela foi alçada à condição de diretora do Grupo Escolar Pena de Moraes. A nomeação estava relacionada com a formação na complementar, pois assim como as demais entrevistadas, as complementaristas, foram vistas como as mais preparadas e assumiram cargos de gestão no processo escolar. Nas palavras da professora Adelaide “fui requisitada para diretora do Grupo Escolar Pena de Moraes. Fazia dois anos que estava fundado. Fiquei 5 anos lá como diretora. O colégio era lá em São Pelegrino, depois da igreja, naquela casa velha” (ROSA, 1984). Com relação à essa nomeação, relata Adelaide

Eu fui convidada pela Dona Olga [Acauan] que naquele tempo, era Secretária de Educação. Ela não era secretária, mas era das principais da secretaria. Então ela veio e me convidou. O Pena de Moraes estava naquela luta de ter uma diretora que fosse enérgica, porque tinha um grupo de professoras que tinha aula isolada e elas não estavam acostumadas a trabalhar sob a ordem de ninguém, e elas se revoltavam contra as ordens que dava a diretora. (ROSA, 1984).

A professora Adelaide lembrou que se identificou como diretora e que conseguiu, a seu ver, desenvolver o trabalho de modo adequado. E a carreira de Adelaide foi na gestão escolar, pois do Grupo Escolar foi transferida como assistente da diretora, Rosalva Hipólito, no Colégio Complementar. A diretora era indicada pelo Governo do Estado e o cargo por ela assumido foi, novamente, por convite. Com relação às suas práticas como diretora, rememorou um acontecimento ilustrativo das táticas postas em jogo para viabilizar alguma frequência escolar por parte dos alunos. Relatou que

uma vez eu fui chamada na Delegacia de Ensino. O Dr. Galvea era o delegado. Ele soube que eu tinha um aluno que entrava tarde e tinha uma turma que saía cedo. Então ele queria saber a causa. Então eu disse: olha, Dr. o menino era de 3º ano, mas era um aluno muito bom e ele era distribuir de carne na cidade e não vou tirar desse menino

aquilo que ganha para sustentar a avó dele, não digo que era paupérrima, mas quase, porque ela me levou uma netinha de 5 anos lá no grupo e me pediu por favor, que eu ficasse com a menina para ela tomar a sopa que nós servíamos às 10:00 horas, porque ela não tinha possibilidade de dar alimento para as crianças. Eu não ia tirar aquele menino do pouquinho que ganhava para a família e nem o deixar fora da escola. Então eu disse: Dr. Galvea, esse caso é assim. É mas a senhora não pode, porque está passando por cima do regime, que o regime é de tantas horas. Eu digo: se ele está aproveitando, não é melhor ele ter menos uma hora de aula mas que ele aproveite? E tinha os outros que eram vendedores de jornal da cidade, às 11:30 horas eles iam na estação pegar o jornal para vender na cidade. Eu deixava sair. Era outro caso que a família precisava de auxílio. Nunca contei essas coisas assim, aquele menino, que era distribuidor de carne, hoje em dia ele é advogado em Porto Alegre. (ROSA, 1984).

A reminiscência desse acontecimento reporta para pensar como, no cotidiano dos fazeres, essas professoras foram inventivas, negociaram entre o prescrito e o vivido, produziram encaminhamentos criativos, nem sempre ordenados ou pré-estabelecidos. Como analisa Certeau (1985, p. 03) “as práticas se parecem muito com aquilo que, numa tradição muito antiga, chamamos de caça furtiva [...] são práticas de furtividade [...] agimos sorrateiramente” e de modo sutil faz-se uso dos espaços, das brechas possíveis, para que o desejado seja vivido.

A professora Suely foi nomeada da mesma forma que Sônia e Adelaide, depois de formada, para atuar no segundo ano do Colégio Elementar José Bonifácio. Trabalhou no Colégio Elementar de junho de 1933 a 1948. No início, as condições do prédio dificultavam o trabalho, já que o mesmo fora adaptado para acolher a escola. Os sons das outras salas se propagavam na sua e o “assoalho, ele sacudia todo”. Ou seja, “além de ouvir as vozes das minhas colegas, ainda o soalho sacudindo”. As condições precárias do prédio interferiam nos fazeres já que conforme Suely “quando o tempo se alterava e a chuva se aproximava, nós tínhamos que sair correndo, correndo da sala por que caíam janelas, caíam portas” (BASCU, 1996). Se as condições físicas do prédio não eram boas no início [em 1936, mudaram-se para um prédio novo], como egressa do Complementar, Suely rememora que havia estudado e tinha inúmeras ideias diferentes, com metodologias que naquele momento não eram tão comuns. Em suas palavras

quando eu entrei para a escola, aquele trabalhinho de todos os dias era feito, assim, rotineiramente. Então, como a gente chegou cheia de ideia, cheia de coisas, pensando em encontrar uma escola cheia de audiovisuais, de coisa que pudessem transmitir mais instrução para as crianças, mas já com novos métodos de ensino, não mais aqueles métodos de antigamente. Ali começamos a elaborar, a elaborar cartazes, jornaizinhos, ah, quadros onde nós colocávamos,

salientávamos um assunto qualquer, a Proclamação da República, procurávamos gravuras com o Marechal Deodoro e Tiradentes, procurávamos, ou então, partes da botânica, por que o professor primário era... Como eu vou dizer a vocês? Ele abrangia todas as matérias, desde trabalhos manuais, artes, música, religião, tudo nós dávamos dentro do currículo escolar; era um só professor [...]. Nós então separávamos matemática e português era diariamente, nós dávamos matemática e português e outras matérias nós dividíamos dentro, do... dentro da semana. História e Geografia, porque era separado, não era Estudos Sociais [...]. Bordado era feito na sala de aula e todas essas matérias que englobavam o curso primário, nós éramos responsáveis [...]. (BASCU, 1996).

Com relação às dificuldades, para avançar e propiciar diferentes intervenções pedagógicas, Suely Bascu afirma que a falta de material, muitas vezes era impeditivo. Segundo ela, “até um caderno a gente tinha dificuldade em obter dos alunos, porque a cidade era pobre [...]. E o italiano gostava que seus filhos se instruissem [...]. Nós dávamos o que podíamos dar aos nossos alunos” (BASCU, 1996). Conforme a professora Suely e em concordância com as demais entrevistadas, os alunos eram disciplinados e não havia dificuldades nesse sentido. Mas havia os limites do conhecimento, da formação, das condições materiais disponíveis para oferecer propostas de trabalho diferenciados. Foi preciso lidar com as condições concretas que se apresentavam. Para a professora Suely os alunos eram atenciosos e privilegiou o diálogo. No entanto, rememorou o que considerou ter sido um dos seus maiores erros profissionais. Narrou que a situação se referia a um menino italiano recém-chegado da Europa e que “me lembro às vezes. Era Francisco o nome dele, e toda vez que ele ouvia um barulho, uma buzina, um barulho de um carro [...]. E ele se desesperava e se jogava embaixo das, das carteiras, e ficava assim apavorado com aquilo, ele tinha sempre uma reação violenta” (BASCU, 1996). Conforme o relato, o menino viera da Itália após a guerra e ao ouvir sirenes, buzinas, se desesperava porque relacionava com o vivido. A professora, que era jovem e tinha pouca experiência, diz que não tinha conhecimentos ainda da Psicologia e que se arrepende por não ter ajudado, ao invés de chamar atenção dele. “[...] era aquilo que estava dentro dele, era aquele pavor, ele ouvia os bombardeios, aquela coisa toda, e ele se apavorava com isso. Isso para ele representava a guerra e tu tinhas que tirá-lo da sala de aula, por que ele ficava assim, furioso. Parecia, parecia um... um louquinho” E reitera dizendo que “esse, eu acho que foi um erro da minha vida profissional”. (BASCU, 1996).

Com relação aos momentos do recreio e às brincadeiras vivenciadas na infância, a professora Suely afirmou que “era uma coisa bonita”. Enumerou então as brincadeiras e brinquedos que eram comuns como brincadeira de roda, bolinha de gude, bonecas de pano... Usavam bonecas de sabugo de milho, pandorga, pião, pula corda, bilboquê, pandorga. E arco “um arquinho de vime e a gente tinha... duas varetas e a gente enganchava as varetas no arco e jogava para companheira que está no outro lado e jogava pra cá, jogava pra lá” (BASCU, 1996). Brincavam ainda de casinha, com pedacinhos de madeira que inventavam novos

brinquedos. No cotidiano escolar, atividades como passeios, visitas, piqueniques ao ar livre eram realizados e disseminavam alegria entre a petizada.

Dentre as práticas escolares destacadas pela professora Suely estavam as comemorações cívicas: “nós comemorávamos todos os feriados: 13 de maio, libertação dos escravos. Então começávamos assim uma redação, aha antes de entrarmos em aula, nós cantávamos o Hino Nacional.” Para cada data, para cada fato ou herói da história, lembra ela, as professoras organizavam diferentes trabalhos, muitos deles com vivências, imagens, visitas. Era o tempo da Escola Nova, afirma a professora Suely. Para ela, é comovente ver a bandeira do país sendo hasteada. “Todos os feriados, 07 de setembro... E depois começaram os desfiles da Semana da Pátria, desfilavam os alunos, desfilavam os professores [...]”. (BASCU, 1996). As lembranças das comemorações cívicas também são recorrentes para todas as professoras entrevistadas. Para a professora Suely, a partir de 1938, nas comemorações era forte o “sentimento cívico, patriotismo, amor à Pátria, era quase, era quase igual ao amor à Deus”. (BASCU, 1991).

A professora Suely vivenciou experiências como formadora de professores no Colégio São José e também na Escola Normal Duque de Caxias (anterior Escola Complementar) a partir dos anos de 1948. Perseverou nos estudos e aposentou-se com diploma de ensino superior, além de ter exercido o cargo de primeira secretária, entre os anos de 1959 a 1963, da Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul.

A professora Laura Balconi Chiaradia vivenciou diversas experiências como docente em diferentes níveis, inclusive no jardim de infância, mas sempre em grupo escolar, na área urbana. Lembrou que elaborava planos de aulas mensais e que quando a orientadora de ensino visitava a sala de aula, “comparavam o caderninho do aluno com o plano que nós tínhamos feito, acompanhavam, [...] pegavam o caderno do aluno, qualquer aluno” (CHIARADIA, 2012). As provas vinham prontas, ao final dos anos 1940, da Secretaria da Educação em Porto Alegre. Narrou que, logo de início, houve contratemplos, mas que acabaram se acostumando, assim como nesse período novas ‘modernidades’ surgiram, como merenda, materiais diferentes, caso da caixa de areia, que anteriormente não existia no grupo escolar, gabinete dentário... A rotina, no jardim de infância, foi narrada

Ocupar os seus lugares, vestir os uniformes [guarda-pós], rezar, sentar para ouvir a professora, a lição, os hábitos, palestras, recitativos, cantos, desenho, etc., formar fila para, ah, a privada [...] voltar, lavar e enxugar as mãos, comer a merenda, todos ao mesmo tempo, cuidar da sala, não atirar papéis no chão, comer com a boca fechada, etc.[risos]. Isso era o que a gente fazia “atividades, repouso dez minutos, ouvir histórias, dramatizar, deixar o Jardim em ordem, pegar o que devem levar para casa, tirar os uniformes, guardar as cadeiras, rezar [risos]. (CHIARADIA, 2012).

Em suas recordações, a professora Laura menciona que se identificava com o trabalho no Jardim de Infância, sentia-se gratificada com seu fazer. Era o tempo em que esteve trabalhando no Grupo Escolar Emílio Meyer.

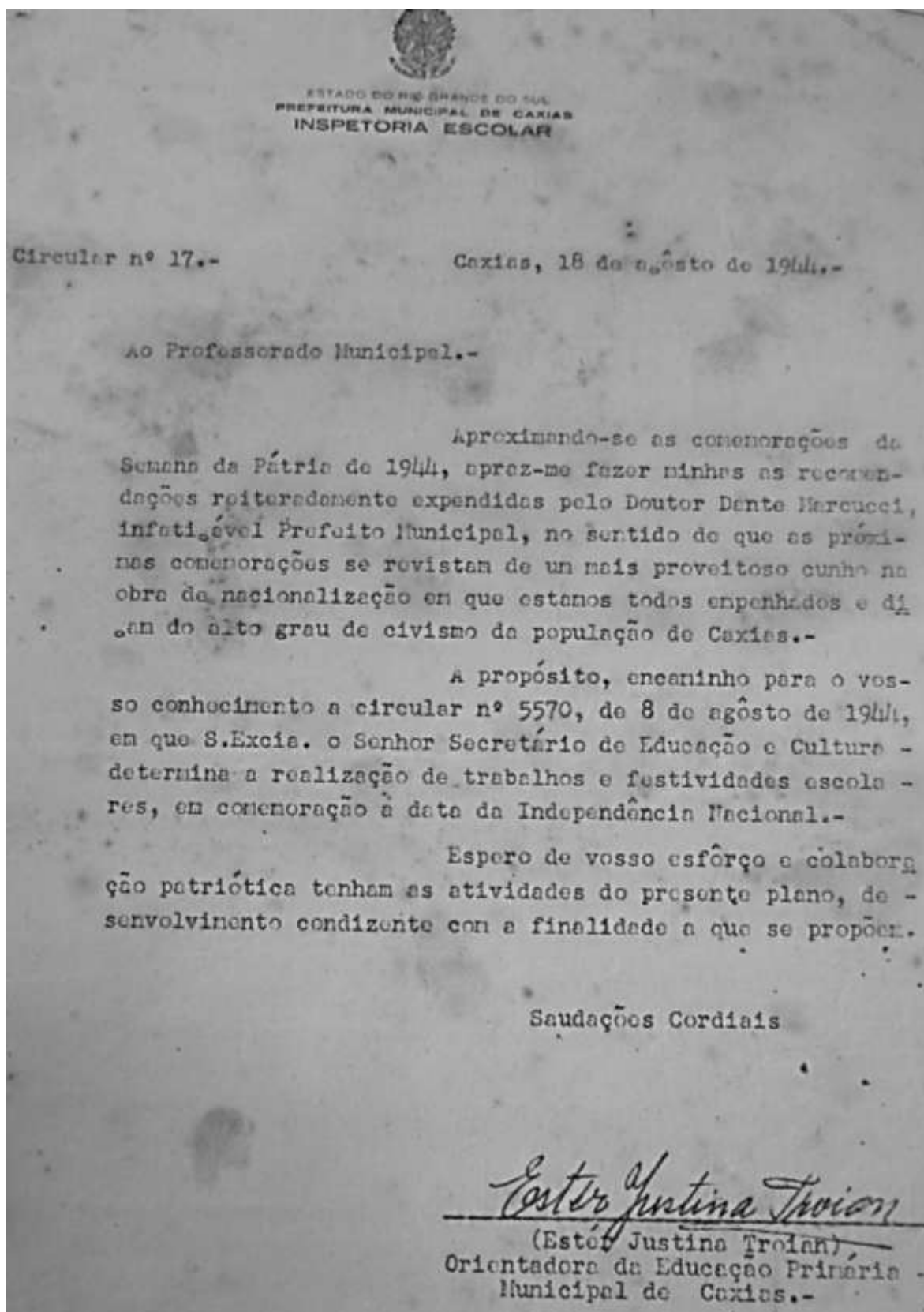
Com relação à professora Ester Troian Benvenuti, como já dito, ela formou-se na escola complementar quando já tinha anos de experiência em escola isolada rural no interior de Ana Rech, distrito de Caxias. Uma particularidade de Ester, na formação, foi que os dois primeiros anos da Complementar foram cursados com frequência livre, ou seja, ela recebia uma lista de conteúdos para cada disciplina que deveria estudar e, a cada tanto de tempo, ia até a escola e realizava os exames. No entanto, no último ano, a diretora do Complementar, Rosalba Hipólito, a chamara e dissera que esse precisava ser frequentado presencialmente, para que ela recebesse uma orientação mais técnica e pedagógica. Solicitou a remoção ao prefeito, na época Dante Marcucci. E, tempos depois, o mesmo foi visitar a escola em que a professora Ester estava trabalhando. Ali, ficou impressionado em ver a escola, construída pela comunidade que contava com palco para peças teatrais que a professora Ester escrevia e ensaiava com os alunos. Mediante isso, atendeu à solicitação, dando benefício de continuidade aos estudos na Complementar à professora Ester. Foi encarregada de auxiliar o inspetor escolar, Firmino Bonet, na organização do arquivo escolar municipal.

O trabalho de Ester, conforme narrado na entrevista, sempre contou com apoio dos familiares dos alunos, que tinham muito interesse na escolarização dos filhos. Afirma a professora

[...] eu sempre notei muito interesse, muito interesse naquela época; e inclusive esta questão de dizer que os agricultores não faziam questão que os filhos fossem à escola, ao menos na zona onde eu trabalhei e pela minha experiência, eu sou, assim, contrária. [...] eu sempre notei da parte dos agricultores um grande interesse para que os filhos estudassem.

A professora Ester foi nomeada professora da Escola Complementar em 1942. Fez concurso no mesmo ano e assumiu o cargo de Orientadora da Educação Primária Municipal de Caxias em 1943. Tornou-se responsável pelas visitas às escolas, orientações aos professores municipais, membro das comissões de avaliação em exames finais. Não é possível analisar o conjunto de atividades desenvolvidas pela referida professora na extensão desse texto, mas é evidente a mediação entre os poderes executivos municipal e estadual e os professores. Alguns documentos arquivados desse período demonstram a ação da Orientadora.

Figura 4 – Circular emitida pela Orientadora da Educação Primária de Caxias, 1944



Fonte: CORRESPONDÊNCIA escolar, 1931 - 1959, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

A orientação refere-se às comemorações da Independência do Brasil e estão assentadas nas práticas nacionalizadoras, tão valorizadas e consideradas nesse período, especialmente nessa região, como já estudado por Luchese (2014b). Mas a professora e orientadora Ester dimensiona em suas memórias a atuação criativa, inovadora e também enérgicas mediante as condições da época que muitas docentes assumiam. Em suas memórias afirmou que, enquanto docente, nos primeiros anos de escola isolada

A professora que tivesse iniciativa, ela seria uma autodidata, porque naquela ocasião não havia uma orientação pedagógica. Eu [...] planejava um ponto, por que tinha que vir leitura individual de cada aluno, porque isto implicava, conforme também falava em casa. Se era uma família que conhecia o português era mais fácil. Se era uma família que só falava italiano, a alfabetização se tornava mais difícil. Então, eu por exemplo, passava as contas de somar para o segundo ano, um probleminha para os quartos, uma redação para o terceiro e os outros então do primeiro ia tomando as lições. Agora, a professora tinha que ser muito enérgica [...] porque tinha 40, 50, 60 alunos numa sala de aula, com quatro, cinco adiantamentos. (BENVENUTTI, 1983).

Para a professora Ester, foi na década de 40, do século XX, que orientações mais sistemáticas de como desenvolver o trabalho pedagógico, com quais livros e mesmo a planejar regularmente as aulas. “A partir da época que assumi como orientadora, então, recebendo orientação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional da Secretaria de Educação. Então, os professores começaram a ter o seu programa para fazer concursos” (BENVENUTTI, 1983). Ester assumiu em 1947 o cargo de diretora da Instrução Pública Municipal de Caxias e permaneceu até início dos anos 1960, quando tornou-se a primeira mulher eleita como vereadora em Caxias do Sul.

Nas reminiscências de seu trabalho à frente da instrução pública municipal, afirma que fundou jornal escolar, clubes agrícolas, incentivou o ensino através de práticas pedagógicas diferenciadas como o teatro, a música, o cinema, criou bibliotecas circulantes para as escolas rurais, instituiu prêmios para as crianças que se distinguiam nas avaliações, ofereceu aperfeiçoamentos para os professores, disseminou novas metodologias e conhecimentos para os docentes - as inovações pedagógicas disponíveis naquele tempo.

Considerações finais

Percorrer as páginas transcritas das entrevistas das professoras Adelaide, Ester, Laura, Sônia e Suely permite vislumbrar nuances do tempo em que se fizeram professoras – na formação e na atuação. Itinerários narrados da experiência vivida em Caxias, entre o lembrado e o esquecido, entre memórias individuais e coletivas (cf. Halbwachs, 2004) que dão o tom do processo escolar daquelas décadas.

Professoras atuantes na zona urbana de Caxias na maior parte de suas vidas, que foram reconhecidas, e de certo modo, prestigiadas entre as demais por serem complementaristas em um tempo em que a maioria das docentes era leiga. Evocam memórias de professoras que tiveram a maior parte do seu tempo de atividade profissional ligado a turmas seriadas ou à direção de um grupo escolar, como foi o caso de Suely Bascu, ou então, como foi o de Ester Troian Benvenuti, tornar-se orientadora e posteriormente, ocupar o mais alto cargo educacional no município, a diretoria de ensino.

No universo cultural de imigrantes e descendentes, a escola tinha importância no processo de negociação e construção dos processos identitários, na afirmação e constituição de significados culturais, bem como uma utilidade prática – a de conhecerem o idioma nacional, podendo assim comercializar seus produtos e não serem enganados. Assim sendo, para a maioria das famílias, a escola tinha um sentido prático e básico – aprendizagem da leitura, escrita e quatro operações. Mas as memórias das docentes sinalizam que a instituição escolar, pela ação de professoras e diretoras ampliou seus sentidos, sua importância, negociando espaços, estabelecendo tempos de frequência e permanência, produziu culturas no seu interior, mas também no contexto social em que estava inserida. A professora, admirada e respeitada, era consultada e chamada a participar do convívio cotidiano. “O professor tinha lugar de destaque mesmo dentro da sociedade e tudo” afirmou Suely (BASCU, 1991). Ou como lembrou a professora Ester

[...] a escola e a igreja eram os elos que uniam os agricultores. E, quando tinha as festas, por exemplo do padroeiro, a escola cooperava em tudo, né? A professora rezava o terço aos domingos. A professora preparava as crianças para a Primeira Comunhão. A professora mais esclarecida, inclusive, ela redigia as cartas, lia as cartas dos que estavam longe. Até as questões da herança, ela cooperava. Até encomendava a alma dos moribundos e fazia enterro. (BENVENUTTI, 1983).

Das memórias das docentes, emerge a representação de que ser professora, naquele tempo vivido, foi gratificante. Para Suely, e as demais professoras reiteram, a escolha foi acertada.

Eu sou apaixonada pelo meu trabalho. Eu acho que o meu trabalho, o valor do meu trabalho está em eu ter amado muito as crianças; de tanto vivido. Eu acho que o magistério foi a razão da minha vida. Então, quando a gente ama uma coisa, a gente faz tudo para que essa coisa se torne boa, se torne extraordinária mesmo e acho que foi tremendamente gratificante [...]. Ser professor em toda parte, não só professor, ser educador em toda parte; não só dentro da sala de aula, mas fora, na comunidade, na rua, na igreja, em toda parte ser educador [...]. Não há nada mais compensador do que ver uma criança desenhando as primeiras letras, ou balbuciando os primeiros sons, vencendo as dificuldades da alfabetização, nos traz uma alegria tão grande, que não pode ser destruída. (BASCU, 1991).

Práticas, escolhas metodológicas, materiais de ensino, rotinas, livros e estudos que foram sendo tecidos nas evocações de lembranças que, cruzadas com outros documentos, pintam os tons, as nuances, os matizes de um quadro de referência para compreender a história da docência e das práticas escolares em Caxias entre as décadas de 1920 e 1960. Em suas histórias de vida, essas professoras que frequentaram a Escola Complementar são marcadas pelos efeitos da profissionalização, afinal a permanência em Caxias, na área urbana, em colégio elementar ou grupo escolar certamente foi uma das, mas não a única dessas distinções.

Referências

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1877 a 1967*. Porto Alegre: EST, 1981.
- BASCU, Suely. Entrevista realizada por Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Transcrição de Sônia Storchi Fries. FG 194, 18 de janeiro de 1996.
- BASCU, Suely. Entrevista realizada por Gilmar Marcílio. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Transcrição de Sônia Storchi Fries. FG 199 e FG 200, 23 de outubro de 1991.
- BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: moral que captura almas. In: CARVALHO, Marta, M. C. de e PINTASSILGO, Joaquim. *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais*. Portugal e Brasil, Histórias conectadas. São Paulo: EdUSP / Fapesp, 2011, p. 47 – 80.
- CERTEAU, Michel. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANY, Maria Irene (org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano* (Anais do Encontro). São Paulo: 1985, p. 03 – 19.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHIARADIA, Laura Balconi. Entrevista realizada por Sônia Storchi Fries e Suzana Storchi Grigoletto. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Transcrição de Bárbara Lawrens Netto. CD162 e CD 163, 29 de agosto de 2012.
- CORRESPONDÊNCIA escolar. V.06.05.231. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 1931 – 1959.
- GIRON, Loraine S. e NASCIMENTO, Roberto R. F. (orgs.). *Caxias centenária*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2010.
- GIRON, Loraine S.. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1977.
- GIRON, Loraine S.. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GRAZZIOTIN, Luciane S. e LUCHESE, Terciane Â.. The schooling process and teacher training in the Italian colonial region of Rio Grande do Sul, Brazil (1910-1940). In: *History of Education & Children's Literature*. Edizioni Università di Macerata, Italy, IX, nº 2, 2014, p. 679 – 601.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: ed. Centauro, 2004.

LOPES, Eliana M. T. *Da sagrada missão pedagógica*. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma história da educação no Rio Grande do Sul*, 1986, 285fl. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, São Paulo, 1986.

LUCHESE, Terciane Â. e GRAZZIOTIN, Luciane S.. Memórias de docentes leigas que atuaram no ensino rural da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul (1930 - 1950). In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. 02, abr./jun. 2015, p. 341-358.

LUCHESE, Terciane Ângela (org.). *História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras*. Caxias do Sul: EDUCS, 2014a.

LUCHESE, Terciane Ângela (org.). Abrasileirar os coloninhos: histórias e memórias escolares na região colonial italiana do Rio Grande do Sul (1937 - 1945). In: QUADROS, Claudemir de. (Org.). *Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil*. 1ªed.Santa Maria: EDUFSM, 2014, v. único, p. 191-231.

LUCHESE, Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul, Brasil. In: *Cadernos de História da Educação*. V. 11, nº 2, jul/dez. 2012, p. 667 – 679. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21718/11927> acesso em 08/02/16.

LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875 a 1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: *Teoria e Educação*. Nº 4, Porto Alegre: Pannonica, 1991, p. 109 - 139.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

O REGIONAL, órgão dos interesses da Região Colonial Italiana. Diretor Luiz Miranda. Gerente José Balen. Semanal. Ano II, nº 4, 22/01/1927.

O BRASIL, órgão do Partido Republicano. Diretor da redação Demétrio Niederauer. Proprietário Américo Mendes. Ano XIII, nº 47, 11/12/1920.

O BRASIL, órgão do Partido Republicano. Diretor da redação Napoleão Sacchis. Proprietário Américo Mendes. Ano XIV, nº 3, 21/01/1921.

O BRASIL, órgão do Partido Republicano. Diretor da redação Napoleão Sacchis. Proprietário Américo Mendes. Ano XVI, nº 6, 10/02/1923.

PERES, Eliane e RAMIL, Chris de Azevedo. Cartilhas produzidas por autoras gaúchas: um estudo sobre a circulação e o uso em escolas do Rio Grande do Sul (1940 – 1980). In: *Revista Brasileira de Alfabetização (ABAlf)*. Vitória, ES, v. 1, nº 1, jan./jun. 2015, p. 177 – 203.

RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Thomaz Beltrão de Queiroz, referente ao período de 12 de outubro a 31 de dezembro de 1928. Caxias: Livraria Mendes, 1929.

RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Thomaz Beltrão de Queiroz, referente ao período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 1929. Caxias: Typ. Da Livraria Mendes, 1930.

ROSA, Adelaide Correa. Entrevista realizada por Edma Ribeiro Pacheco e Tânia Maria Zardo Tonet. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Transcrição de Maria Beatris Gil da Silva. FG 066 e 067, 20 de junho de 1985.

ROSA, Adelaide Correa. Entrevista realizada por Liane Beatriz Moretto Ribeiro. Acervo do Instituto de Memória Histórica da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Transcrição de Tranquila Brambina Moresco Brando, 18 de abril de 1984.

ROSSATO, Sônia Guimarães. Entrevista realizada por Gilmar Marcílio. Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Transcrição de Sônia Strochi Fries. FG 240, 22 de outubro de 1991.

TRINDADE, Iole M. Favero. A produção de identidades alfabetizadas Sul Rio-Grandenses na intersecção de influências europeias e latino-americanas. In: *Educação (PUC/RS)*. Porto Alegre, v. 27, nº 2 (53), maio/ag. 2004, p. 303 – 318.

VARELA, Julia e ALVAREZ-ÚRIA, Fernando. A maquinaria escolar. In: *Teoria e Educação*. Nº 6, Porto Alegre: Pannonica. 1992, p. 68 – 96.

VIDAL, Diana G. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.